

relevantes. A autora salienta a oportunidade de conceder honrarias a estas pessoas apesar de tal ser proibido estatutariamente.

O dr. Rui Duque Maurício na *Ordo Militaris e Função Real* debruça-se pela simbólica no tempo dos reis D. Manuel e D. João III em que o monarca aparece cada vez mais como o arauto de Deus no Mundo. O soberano é um centro actuante, um rei justo, imbuído das espadas temporal e espiritual.

A dr.<sup>a</sup> Isabel Morgado e Silva estudou um instrumento de concórdia entre a Ordem de Cristo e o concelho de Tomar. O conflito surgiu quando dois poderes se chocaram — a Ordem de Cristo e o Concelho de Tomar. O pretexto foi a cobrança de rendas inerentes à comenda de Martim Vasques. A concórdia foi alcançada pelo infante D. Henrique, pois este arrendou os direitos da Ordem ao concelho de Tomar, em que findo o prazo retomariam à posse dos freires.

O dr. Fernando Calapez Correia estudou um *Conflito Institucional entre a Câmara de Aljezur e a Ordem de Santiago em 1462*. O motivo foi afinal o lançamento de uma taxa pelo concelho de Aljezur feito à revelia do comendador. Este como não abdicou dos seus direitos senhoriais tudo fez para que lhe fosse dada razão à luz da legislação vigente o que veio a acontecer.

Se os estudos apresentam ou parecem apresentar um carácter muito pormenorizado não esqueçamos de que estão a ser dados os primeiros passos para o conhecimento da actividade das Ordens Militares em Portugal. Os alicerces estão lançados. A nós compete-nos continuar.

Ernesto J. N. Alves Jana

*IX Centenário do Nascimento de S. Bernardo. Encontros de Alcobaça e Simpósio de Lisboa. Actas, Univ. Católica Portuguesa / Câmara Municipal de Alcobaça, vol. de 255 x 190 mm e 408 pp., Braga 1991.*

Foram recentemente publicadas as Actas dos Encontros de Alcobaça e do Simpósio de Lisboa, comemorativos do IX Centenário do nascimento de S. Bernardo de Claraval.

Estas iniciativas, que se ficam a dever ao empenho conjugado da Faculdade de Teologia de Lisboa, da Associação Portuguesa dos Historiadores de Arte e do Município de Alcobaça, pretenderam prestar homenagem àquele que, sendo uma das maiores personalidades do séc. XII, foi também uma das figuras mais determinantes da história da Igreja.

A obra contém 19 estudos de elevado nível e erudição, assinalando-se a colaboração de alguns dos mais representativos medievalistas portugueses.

Na sua globalidade, poderíamos dizer que estas Actas se dividem tematicamente em dois momentos: um conjunto de estudos especificamente sobre S. Bernardo, outro sobre a incidência da sua obra e da acção dos Cistercienses em Portugal.

Do primeiro, relevam os aspectos que se prendem com a ascese e a mística, as dimensões da religiosidade que S. Bernardo mais insistentemente cultivou.

Várias são as facetas da obra do Doctor Mellifluus pormenorizadamente abordadas: a releitura evangélica centrada na humildade e na pobreza; a devoção mariana; a mística da interioridade conduzindo à contemplação; a ascese firme que alicerçou a «cavalaria do espírito» e inspirou as novas Ordens Militares.

Ao longo dos textos, surge espelhado o personagem rico e multifacetado que foi S. Bernardo, embora a polivalência da sua mensagem, por vezes árida e difícil de entender em pleno fim do séc. XX, se alicerce na tradição do que, desde Santo Agostinho, se designa Socratismo Cristão: «Ainda que conhecesses todos os mistérios, toda a vastidão da terra, toda a altura do céu e a profundidade do mar, e se te ignorasses a ti mesmo, serias como aquele que constrói sem alicerces e prepara não um edifício, mas uma ruína. Tudo o que construíres a teu lado não será senão um monte de poeira que o vento dispersa. (...) O sábio será sábio em relação a si e será o primeiro a beber a água do seu poço» (ver cit. p. 35).

Particularmente importantes, dum ponto de vista documental e historiográfico, são os estudos sobre S. Bernardo e a Cultura Portuguesa.

A presença dos cistercienses em Portugal, iniciada entre 1143 e 1144, é praticamente simultânea aos princípios da nacionalidade, e a sua importância no contexto da emergente cultura portuguesa foi enorme tal como se pode comprovar pela grande quantidade de mosteiros dispersos por quase todo o território (ver p. 361), quer pela influência directa que exerceram nos dois mais significativos espaços da cultura medieval portuguesa, o Mosteiro de Alcobaça e o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

As relações entre os cistercienses e estes dois mosteiros são amplamente estudadas ao longo da obra.

Por um lado, nos aspectos mais particularizados: a vida interna nos mosteiros, a elaboração das iluminuras, as leituras mais frequentes nos «scriptoria», a descrição dos missais. Em todos eles se nota a presença clara do ideal simultaneamente estético e espiritual dos cistercienses, alicerçado na sobriedade, simplicidade e gratuidade. Parafraseando o próprio S. Bernardo, «já não procuramos o que é útil mas o que é belo», princípio que de forma mais ou menos explícita esteve presente na arte e nas práticas religiosas da medievalidade lusitana.

No célebre texto da «Apologia a Guilherme de S. Thierry», S. Bernardo resumiria lapidariamente as suas orientações a este nível:

«Não se pode reflectir da mesma maneira para os monges como para os Bispos. Com efeito, sendo devedores aos insensatos como aos sábios, precisam de recorrer a ornamentos materiais, para levar à devoção de um povo carnal para o qual as coisas espirituais ocupam pouco lugar.

Mas nós que nos isolamos do povo, que renunciamos por Jesus Cristo a tudo o que é brilhante e precioso, a tudo o que encanta pelo seu brilho, seduz pela sua harmonia, enebria pelo seu perfume, agrada pelo seu gosto requintado, alicia pela doçura, tudo o que dá prazer aos sentidos, de quem

queremos excitar a piedade por todos estes meios, eu pergunto se queremos ter o mesmo procedimento.

A vista destas vaidades sumptuosas e admiráveis, sentimo-nos mais levados a admirar coisas semelhantes que a rezar. Quando os olhos se abrem de admiração para contemplar as relíquias dos santos encerradas no ouro, as bolsas abrem-se por seu lado para deixar cair o ouro.

Os muros das igrejas estão cheios de riquezas e os pobres estão desnudos; serve-se o bem dos pobres a embelezamentos que encantam os olhares dos ricos» (ver cit. p. 168). E aqui está bem evidente o espírito do reformador, qual núcleo em torno do qual orbitassem as convicções estéticas ou doutrinárias.

Por outro lado, são dignos de relevo os estudos que reflectem sobre a inserção histórica da ordem cisterciense na vida política nacional, particularmente as suas relações com a corte, revisitando uma presença que foi significativa pelo menos até ao séc. XVIII.

O rigor e a profundidade dos estudos apresentados, bem como a qualidade gráfica desta publicação, respigada de ilustrações e reproduções de códices, fazem destas Actas uma obra indispensável para o estudo da cultura medieval portuguesa e da espiritualidade cisterciense.

José Acácio Castro

*São Bernardo (1090-1990). Catálogo Bibliográfico e Iconográfico*, introdução, selecção e catalogação por Gérard Leroux, Biblioteca Nacional, 223 pp., Lisboa 1991.

A Biblioteca Nacional de Lisboa, para comemorar o nono centenário do nascimento de São Bernardo, organizou uma exposição, de que publicou o catálogo com esmerada apresentação recheado de gravuras e diligentemente redigido por Gérard Leroux, muito competente conhecedor da obra extraordinária do Santo de Claraval.

São Bernardo, embora nunca tenha estado em Portugal, teve pelos seus monges grande influência no nosso país; em 8 de Abril de 1153, quatro meses antes da morte desse Santo, D. Afonso Henriques e a sua mulher, a Rainha Dona Mafalda, fizeram-lhe doação de uma grande herdade, entre Leiria e Óbidos, onde pouco depois se começou a construir o majestoso Mosteiro de Alcobaça, que tanto influiu na Cultura Portuguesa.

Bem fez, portanto, a Biblioteca Nacional em organizar essa exposição, publicando dela um magnífico catálogo. Logo ao princípio publica-se aí a Cronologia da vida de São Bernardo e por ela se vê como esse Santo teve grande influência na História do Papado e na História da França. Segue o único documento que se expõe e é a já referida carta de doação do couto de Alcobaça. Vêm depois 23 manuscritos, todos, excepto um, provenientes do Mosteiro de Alcobaça. Indicam-se a seguir 82 edições impressas de obras de São Bernardo, quase todas conservadas na Biblioteca Nacional e prove-